

Gelados são os ventos de maio para o presidente

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Edson Gês 19.5.01

Ninguém precisará de bola de cristal, cartas ou oráculos para esta previsão: a popularidade do governo Fernando Henrique Cardoso e, por consequência do seu candidato a presidente, José Serra, cairá ainda mais neste mês de maio. Os analistas mostram que dificilmente Fernando Henrique e Serra ficarão livres do que, no Palácio do Planalto, já é conhecida como a "síndrome de maio". É o período em que a popularidade do presidente começa a cair, chega ao piso em junho e volta a subir em julho.

"Todo o mês de maio é assim. Faz parte do ciclo econômico, que nada tem a ver com calendário, mas com o ciclo econômico ou mesmo político", diz o cientista político, Luciano Góes, da Góes Associados, que acompanha a série histórica de pesquisas de opinião que apontam esse movimento (leia gráficos nesta página). Em junho de 1999, por exemplo, o governo foi considerado bom e ótimo por apenas 16% da população — o índice mais baixo de todo o período do presidente Fernando Henrique.

Naquele ano, com o presidente já reeleito, o país passou pela crise da desvalorização do real em janeiro, que destruiu as expectativas de crescimento econômico e vida melhor para todos os brasileiros. Para completar, houve o escândalo do grampo telefônico do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que levantou suspeitas de favorecimento a determinados grupos no leilão das teles. O então diretor da área internacional do Banco do Brasil, Ricardo Sérgio de Oliveira, por exemplo, aparecia nas gravações dizendo que "estava no limite da irresponsabilidade" no que se referia às cartas de fiança a consórcios interessados em participar do leilão das teles.

NA BERLINDA

Esse fator, somado ao desgaste natural do governo nesse período e à crise externa, deixou o presidente na berlinda durante todo o ano de 1999 — seu pior momento desses sete anos e quatro meses de governo. Em junho de 1995, com apenas seis meses de governo, Fernando Henrique era considerado ótimo e bom por 40%



FHC É VÍTIMA DO QUE OS POLÍTICOS CHAMAM DE "SÍNDROME DE MAIO", MAL QUE TAMBÉM PODE CONTAMINAR SERRA

dos brasileiros. Um ano e meio depois, em dezembro de 1996, chegou a 47% de ótimo e bom — sua melhor performance.

Agora, voltam à cena o mesmo Ricardo Sérgio e uma nova privatização da qual foi um dos protagonistas: a da Companhia Vale do Rio Doce. Como daquela vez, o presidente Fernando Henrique Cardoso terá dificuldades em dizer que de nada sabia ou de minimizar a impor-

tância da denúncia feita pela revista *Veja*. Da mesma forma, o candidato do PSDB e do governo à Presidência, José Serra, que tem uma notória ligação com Ricardo Sérgio.

No início do governo, o prestígio do presidente era tão bom que o ano de 1997 passou sem grandes sobressaltos em termos da popularidade presidencial. Ele só começou a perder altitude em junho de 1998, com

os casos de dengue, incêndio em Roraima e seca no nordeste. Ficou com 31% de ótimo e bom e subiu novamente.

O governo nunca mais recuperou os 37% de ótimo e bom que obteve na pesquisa Datafolha de dezembro de 1998. De lá para cá, só em fevereiro de 2002 o governo apresentou um índice de aprovação popular superior a 30%. Foi na época em que surgiram as notícias de que o gover-

no se descolara da crise argentina, e o dólar ficou estável.

TODOS CAEM NA REAL

Mas, no segundo trimestre de todos os anos, a situação nunca foi boa. "É o período em que as pessoas caem na real. Acabam-se as férias, os empregos temporários do comércio e o décimo terceiro salário", comenta o analista político João Francisco Meira, do Instituto Vox Populi.

Paulo Kramer, da Kramer & Ornélas Análises Políticas, concorda com esse fenômeno, especialmente, no que se refere à classe média, que é quem paga os impostos — sobre uma tabela de imposto de renda que, apesar das promessas nunca foi corrigida. "As pessoas começam a perceber que não houve correção da tabela do imposto de renda, o aumento do salário mínimo sempre fica aquém do esperado e, nessa época também geralmente há aumento de tarifas", comenta ele.

Mas o quadro a cada ano mostra que as pessoas chegam à síndrome de maio menos entusiasmadas com o governo do que já foram no passado. A série CNT/Sensus por exemplo, indica que em abril de 2001, 29,7% das pessoas consideravam o governo ótimo ou bom. Em abril deste ano, a série apontava 25% dos brasileiros com essa opinião, ou seja, uma queda de quatro pontos. "Este ano será atípico. O governismo nunca esteve tão ameaçado de perder a eleição como está hoje", diz Kramer, referindo-se às últimas consultadas que apontaram um crescimento do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

Uma das formas que a equipe de Serra pretende empreender para vencer essa etapa é investir nos programas de TV regionais, que irão ao ar durante todo este mês. Passada essa fase, virá a convenção em junho. No caso do Executivo, a ajuda virá com a liberação de R\$ 400 milhões do orçamento para obras nos estados, já que os convênios têm que estar assinados até 6 de julho, data limite prevista na lei eleitoral. Se com todas essas ações, a síndrome de maio atingir Serra, os políticos aliados a ele prometem não se abalar. Vão esperar agosto e setembro — a entrada da primavera, quando o governo sempre está melhor do que em junho. Pelo menos, essa é a aposta do PSDB.

EVOLUÇÃO DA POPULARIDADE DE FERNANDO HENRIQUE

Os números demonstram que os índices do presidente sempre caem entre os meses de abril, maio e junho e voltam a se recuperar a partir de julho

